**AONDE A DEVOÇÃO DEVE NOS LEVAR?**

**A TEOLOGIA DA MEDIANEIRA DA GRAÇA**

Por Pe. Junior Lago

A Medianeira é um símbolo de Santa Maria, mas não um símbolo qualquer – ela representa a cidade, o povo, a religiosidade, em certa medida, a Igreja de Santa Maria – um símbolo, portanto, que carrega em seu escopo um arcabouço muito grande de teologia e mistério. A presente reflexão procura colaborar no que diz respeito ao fomento do culto à Virgem Maria, Mãe de Deus e da Igreja, Medianeira de Todas as Graças. Compreendendo, com isso, a mediação universal de Maria como presença maternal de Maria a partir da devoção trazida pelo padre Ignácio Valle S. J. a Santa Maria, em 1928.

Todavia, o título de Medianeira atribuído à Maria não está isento de dificuldades teológicas, sobretudo, diante do dizer do Apóstolo: “não há senão um Deus e um mediador entre Deus e os homens, o homem Jesus Cristo” (1Tm 2,5). Apesar disso, não convém dizer que ‘mediação’ se trate apenas de um ‘pensamento bonito’ a respeito de Maria, senão que um eloquente sinal que manifesta a própria pedagogia divina que deseja fazer do humano um colaborador seu na própria redenção do homem.

Dessa forma, adveio o grande problema da pesquisa: como apresentar, para o povo e para teólogos, a mediação de Maria, na sua íntima relação com o mistério de seu Filho Jesus Cristo, único Mediador entre Deus e os homens?

Para responder essa questão, é preciso destacar três pontos principais: o primeiro são os elementos históricos tanto do início da devoção em Santa Maria, quanto da Missa e da doutrina da Mãe Medianeira de Todas as Graças; o segundo ponto são os elementos teológicos a respeito do que a teologia cristã entende por mediação num horizonte mais amplo de compreensão; por fim, são a atualidade da visão do padre Ignácio quando entende que a pessoa de Maria Medianeira de Todas as Graças expressa para a Igreja peregrina a completude de todos os imperativos da fé cristã: na Virgem de Nazaré estão os traços da serva, da discípula, da mãe e da intercessora.

O objeto desta exposição é a mediação materna de Maria derivada do mistério de Cristo; porquanto, a universalidade e a totalidade das graças, requerem uma apresentação à parte.

Espera-se com este trabalho que o leitor possa crescer no amor a Deus, configurando-se cada vez mais a Cristo, através da virtude do Espírito Santo, dentro do mistério da Igreja, pelas mãos maternais de Maria.

Em suma, Maria não é uma peça estranha no mosaico da fé cristã, mas sim uma clara realização pessoal de toda a vocação cristã. Por isso, um estudo a respeito de Nossa Senhora deve sempre enfatizar a íntima relação do projeto salvífico universal de Deus, “que quer que todos sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2,4), com a pessoa de Maria Santíssima.

A presente exposição surgiu da consideração de duas realidades impossíveis de negar: que haja em Santa Maria, RS, um grande Santuário Basílica dedicado à Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças; e, que quem vai a Maria sempre chega a Jesus. A questão esteve, justamente, em como conjugar essa realidade histórica (a devoção à Medianeira em Santa Maria, RS) com a realidade teológica da mediação (divino-humano), apresentando-a numa linguagem pastoral.

Do início ao fim, a figura do padre jesuíta Ignácio Valle é imprescindível, pois, trazendo a devoção mariana da Medianeira para Santa Maria, em 1928, acendeu uma chama que logo se tornou em copioso lume na evangelização dessa porção da Igreja de Cristo. O movimento eclesial, que logo ultrapassou os muros do Seminário São José, trouxe à Santa Maria uma esperança para um grande momento de angústia, a revolução de 1930. Uma vez mais, a Mãe de Jesus percebeu que ‘o vinho veio a faltar’ (Jo 2,4) e, com amor de mãe, intercedeu a seu Filho para que o povo fosse libertado da ruína. E, precisamente nesse momento de calvário, Cristo entrega mais uma vez Maria ao seu discípulo como Mãe (Jo 19,5).

Esse contexto forjou toda a teologia da devoção à Maria Medianeira em Santa Maria. Um grupo de mulheres faz uma procissão à capela do Seminário, ante o quadro da Medianeira, suplicando proteção, então, celebra-se a Eucaristia. Com efeito, os filhos vão à Mãe e a Mãe leva-os ao Filho; e assim acontece até hoje.

Concorde com a própria fé da Igreja, Maria está intimamente unida a Cristo, cooperando na obra da Salvação da humanidade, participando no amor do Filho, sua mediação é a repartição do seu amor materno. Salvaguardada a unicidade e a transcendência da única mediação de Cristo, a função exercida por Maria, coloca-a precisamente no mistério de Cristo e da Igreja.

Se São Paulo afirma “já não vivo eu, é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20), que será de Maria, que foi por Deus agraciada (Lc 1,28)? O mistério de Maria funda-se no mistério de Cristo, dele haure toda sua realidade e singularidade. Maria é, portanto, sempre toda relativa a seu Filho Jesus Cristo. Sua maternidade virginal é a expressão clara de sua entrega total ao plano de Deus para gerar, na virtude do Santo Espírito, todos os membros do Corpo Místico de Cristo, porquanto, Mãe da Cabeça, também, mãe dos membros.

Nesse sentido, essa exposição destaca três elementos fundamentais para a compreensão da mediação de Maria, a saber: a mediação de Cristo, como fonte única de reconciliação plena com o Pai; o Espírito Santo enquanto virtude divina da mediação, unindo aqueles aos quais se faz presente o Filho; e, a mediação sacramental da Igreja, aplicando a todos os homens em particular os frutos da Redenção. Apresentando, assim, a função materna de Maria, como mediadora, isto é, estando junto do único Mediador. Sendo associada a Ele de modo singular, tornando-se durante sua peregrinação terrestre a serva, a Mãe e a discípula de seu Filho, cooperando assim para a manifestação do reinado de Deus em Jesus Cristo. Na glória, Maria coopera com amor de mãe na edificação do Corpo Místico de Cristo, tornando-se realização pessoal de todo o projeto salvífico de Deus.

Por isso, a mediação de Cristo é paradoxal, pois, não faz dele uma terceira realidade entre o divino transcendente e o humano, antes, em sua humanidade, na unidade da pessoa do Verbo une, reconcilia e pacifica ambas. Entendendo mediação como caução do resgate, isto é, como paga antecipada, Cristo é Mediador, pois, Ele mesmo veio para dar a sua vida em resgate por muitos (Mc 10,45).

O Espírito Santo, com efeito, é quem comunica a graça da Mediação de Cristo às demais realidades. É na força e vitalidade do Espírito que acontecem os atos da salvação humana operados por Cristo e, sacramentalmente, pela Igreja. Todos os membros são unidos à Cabeça através do ligame do Espírito, porquanto, não é comunicado apenas a uma pessoa, mas a um coletivo de pessoas, que movidas pela sua virtualidade, se tornam mediadoras para as outras.

A Igreja, por sua vez, também recebe o nome de mediadora enquanto comunica eficazmente a Graça de Cristo aos homens – a todos e a cada um – no decorrer do tempo histórico. Ela é sacramento da íntima união de Deus com a humanidade em virtude de ser reflexo da Luz dos Povos que é Cristo (LG, n. 1) e meio através do qual os homens vivem antecipadamente sua comunhão explícita com Deus em Cristo no Espírito.

De *Maria nunquam satis*, dizem os santos e doutores; espera-se que esta exposição aumente ainda mais o interesse acadêmico e pastoral no que diz respeito ao aprofundamento intelectual e espiritual sobre Maria Santíssima, em Santa Maria especialmente venerada sob o título de Medianeira de Todas as Graças. Espera-se ainda que com a leitura destas palavras sejam dispensadas tantas graças sobre seus leitores quantas foram para seus autores.

Enfim, “Senhor, nós vos pedimos humildemente que, pela força do sacramento e pela mediação da Virgem Maria, sejamos unidos mais estreitamente ao Cristo Mediador e sirvamos cada dia mais fielmente ao ministério da redenção” (Depois da comunhão, Missa da Medianeira de 1974).

Sem mais, vamos todos a Maria Medianeira!